

**Márcio Rogério de Oliveira Cano**

*coordenador*

*coleção*

**A REFLEXÃO E A PRÁTICA  
NO ENSINO MÉDIO**

**5**

**ARTE,  
EDUCAÇÃO E  
CONTEMPORANEIDADE**

**Dália Rosenthal**

**Maria Christina de Souza Lima Rizzi**

*organizadoras*

**Blucher**

A reflexão e a prática no Ensino Médio

5

# Arte, educação e contemporaneidade

Márcio Rogério de Oliveira Cano  
coordenador da coleção

*Dália Rosenthal*

*Maria Christina de Souza Lima Rizzi*

organizadoras do volume

*Coleção A reflexão e a prática no Ensino Médio – volume 5 – Arte, educação e contemporaneidade*

© 2020 Márcio Rogério de Oliveira Cano (coord.), Dália Rosenthal, Maria Christina de Souza Lima Rizzi (org.)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem de capa: iStockphoto

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-012 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Arte, educação e contemporaneidade / Adriana Silva de Oliveira...[et al] ; organizadoras do volume Dália Rosenthal e Maria Christina de Souza Lima Rizzi. – São Paulo : Blucher, 2020.

152 p. : il. (Coleção A reflexão e a prática no Ensino Médio ; 5 / coordenada por Márcio Rogério de Oliveira Cano)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1888-3 (impresso)

ISBN 978-85-212-1889-0 (e-book)

1. Ensino 2. Arte (Ensino médio) – Estudo e Ensino 3. Criatividade 4. Cultura I. Oliveira, Adriana Silva de. II. Rosenthal, Dália. III. Rizzi, Maria Christina de Souza Lima.

19-2132

CDD 707

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensino médio – Arte – Prática de ensino

---

# Conteúdo

---

1. O LUGAR DA ARTE NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS.....	23
1.1 DIREITO À ARTE NO ENSINO MÉDIO.....	23
1.2 A ARTE NO RECONHECIMENTO E NA VALORIZAÇÃO DO SUJEITO-JOVEM NO ENSINO MÉDIO.....	25
1.3 A ARTE E A FORMAÇÃO TÉCNICA E PROFISSIONAL NA INTERFACE DO DESIGN NO ENSINO MÉDIO.....	28
1.4 PROPOSTA DE PROJETO DE DESIGN: A ARTE DAS RUAS NA ESCOLA.....	31
PARA FINALIZAR.....	38
SUGESTÕES DE LEITURA.....	38
REFERÊNCIAS.....	38
2. ARTE E PROCESSOS DE CRIAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: A ARTE COMO TERRITÓRIO DE INVENÇÃO.....	41
2.1 A ARTE DE AGORA, AGORA.....	41
2.2 EXPERIÊNCIAS MOTIVADORAS: CARTA, CURA, CORTE.....	43
2.3 EXPERIÊNCIAS MOTIVADORAS: OFICINA DE DESENHO URBANO – AS CRIANÇAS, OS JOVENS E A CIDADE NO CERRADO.....	45
2.4 A EXPERIÊNCIA PESSOAL: UM EXERCÍCIO DOCENTE CONSTANTE ...	45
2.5 SUGESTÃO DE TRABALHO: A REINVENÇÃO DA CIDADE.....	47
PARA FINALIZAR.....	51
SUGESTÕES DE LEITURA.....	51
SUGESTÕES DE SITES.....	52
REFERÊNCIAS.....	52

3. MAPAS CONCEITUAIS: DESENHANDO DESCOBERTAS EM ARTE.....	55
3.1 A TESSITURA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: ACOMPANHAMENTO DE PROCESSOS DE CRIAÇÃO .....	56
3.2 DOCUMENTAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE SABER OU DE APRENDIZAGEM.....	57
3.3 MAPAS CONCEITUAIS .....	58
3.4 CONTRIBUIÇÕES DOS MAPAS CONCEITUAIS NAS AULAS DE ARTE.....	59
3.5 SUGESTÃO DE TRABALHO COM OS MAPAS CONCEITUAIS .....	63
PARA FINALIZAR.....	65
SUGESTÕES DE SITES .....	65
REFERÊNCIAS.....	66
4. DO AQUECIMENTO/SENSIBILIZAÇÃO CRIATIVA: COMO DESPERTAR E PREPARAR O CORPO E A PSIQUE PARA A PRÁTICA ARTÍSTICA .....	67
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROCESSO DE AQUECIMENTO/ SENSIBILIZAÇÃO: ACENDENDO A CHAMA .....	67
4.2 ALGUMAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS: ALIMENTANDO A CHAMA....	72
4.3 PROPOSTA DE AQUECIMENTO/SENSIBILIZAÇÃO CRIATIVA: O FOGO .....	80
4.4 ALGUMAS SUGESTÕES TEÓRICAS .....	83
PARA FINALIZAR.....	83
REFERÊNCIAS.....	84
5. ARTE E HISTÓRIAS DE VIDA.....	87
5.1 O LUGAR DO CONTADOR .....	90
5.2 TRABALHANDO COM PEQUENAS HISTÓRIAS DE VIDA.....	92
5.3 ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE O NOME E O SOBRENOME .....	95
PARA FINALIZAR.....	97
SUGESTÕES DE LEITURA .....	98
SUGESTÕES DE SITES .....	98
REFERÊNCIAS.....	98
6. EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA PÚBLICA: ENSINAR BARROCO NO ENSINO MÉDIO.....	101
6.1 APRESENTAÇÃO .....	101
6.2 ANOTAÇÕES SOBRE O BARROCO NO BRASIL.....	102

6.3 EXPERIÊNCIAS DE FAZER ARTÍSTICO, CONTEXTUALIZAÇÃO E LEITURA DO BARROCO BRASILEIRO: ABORDAGEM TRIANGULAR DO ENSINO DE ARTE .....	104
PARA FINALIZAR.....	111
SUGESTÕES DE LEITURA .....	111
SUGESTÕES DE SITES .....	112
REFERÊNCIAS.....	112
7. ARTE AFRICANA: CAMINHOS E PERSPECTIVAS .....	115
7.1 CONTEXTOS E TEXTOS .....	116
7.2 APRENDER FAZENDO; FAZER APRENDENDO .....	118
7.3 SUGESTÃO PARA PRÁTICA .....	119
PARA FINALIZAR.....	121
SUGESTÕES DE LEITURA .....	122
REFERÊNCIAS.....	125
8. UMA VISITA AO MUSEU VIRTUAL DIGITAL.....	127
8.1 UM MUSEU VIRTUAL?.....	127
8.2 UMA BREVE HISTÓRIA DO MUSEU E SUA FORMA DE MOSTRAR OBRAS E OBJETOS.....	127
8.3 O MUSEU MODERNO.....	130
8.4 O MUSEU COMO OBRA.....	131
8.5 O MUSEU HOJE .....	132
8.6 O MUSEU VIRTUAL.....	133
8.7 O MUSEU VIRTUAL E O MUSEU DIGITAL .....	135
8.8 PROPOSTA DE UMA VISITA EM SALA DE AULA A UM MUSEU VIRTUAL DIGITAL.....	137
PARA FINALIZAR.....	141
SUGESTÕES DE LEITURA .....	141
SUGESTÕES DE SITES .....	141
REFERÊNCIAS.....	141
9. PROJETO VIVEIRO NA ESCOLA: APRENDER A PERTENCER, APRENDER A CUIDAR .....	143
9.1 POR UMA “PLÁSTICA SOCIAL”.....	146
9.2 CAMADAS PARA TRANSFORMAR.....	148

PARA FINALIZAR.....	151
SUGESTÕES DE LEITURA .....	151
REFERÊNCIAS.....	152

# O lugar da arte no Ensino Médio: reflexões contemporâneas

*Sonia Regina Fernandes*

## 1.1 DIREITO À ARTE NO ENSINO MÉDIO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 26, parágrafo segundo, diz que “a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber”. Desse modo, a arte deve figurar na escola e faz parte do atual currículo brasileiro do Ensino Médio. No entanto, a reforma no currículo da educação (lei n. 13.415/2017, que estabelece novas diretrizes e bases para o Ensino Médio no país), aprovada em fevereiro de 2017, quase eliminou essa disciplina da lei, o que cercearia o direito alcançado pelos estudantes brasileiros.

Por meio de uma medida provisória (743/2016), houve uma tentativa de eliminar a obrigatoriedade de Arte, Educação Física, Sociologia e Filosofia. Entretanto, mobilizações permitiram que esses saberes permanecessem no currículo do Ensino Médio, assumindo não o mesmo lugar – de componente/disciplina, área de saber –, mas o estatuto de “estudos e práticas”. Vive-se o momento de debater que conhecimento se pode construir nessa perspectiva de reforma não dialogada. Momento em que se lamenta a diminuição do direito social à educação e o risco de esvaziamento do componente Arte e dos demais que foram diluídos e ficaram à margem da formação, que se pretende humanística, de jovens autores, protagonistas, sujeitos e cidadãos estéticos, éticos, críticos e criativos.

É preciso valorizar o ganho que o ensino de Arte trouxe para a educação nas últimas décadas. O mais recente foi a aprovação

Lei n. 13.415/2017:

As mudanças começam a ser implementadas em 2018. O currículo do Ensino Médio oferecido nas escolas deve ser 60% preenchido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os 40% restantes são destinados aos chamados “itinerários formativos”, em que o estudante pode escolher entre cinco áreas de estudo.

**Escola brasileira:** O parágrafo segundo do artigo 26 apresenta sua obrigatoriedade na escola: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos estudantes” (BRASIL, 1996).

**Tornar a arte um direito:** Segundo Ana Mae Barbosa (1994; 2002), essas lutas se deram por positivistas e liberais e a elas somaram-se as inúmeras experiências de implantação de Arte na escola, a partir do século XX no Brasil.

**Fundamental:** Ensino Fundamental (antigo Primeiro Grau), conjunto das nove séries, e Ensino Médio (antigo Segundo Grau), com três séries.

no Senado Federal da lei n. 13.278, de 2 de maio de 2016, encaminhada pela Federação de Arte-Educadores do Brasil (Faeb), que torna obrigatório em todo o território nacional o ensino de Arte na Educação Básica em suas quatro linguagens: artes visuais, música, teatro e dança. Assim, deve-se considerar o espaço consolidado nos embates políticos que impregnaram a ação dos professores de Arte do país.

A arte já aparece na Constituição, promulgada em 1988, representativa de uma história de lutas pela interpenetração entre arte e educação e sua participação, valorização e permanência na escola brasileira. Tais lutas são travadas no Brasil desde o século XIX e visam tornar a arte um direito e uma disciplina obrigatória nos currículos escolares. Além de constar dos currículos, o objetivo é ter sua presença assegurada com verdadeira participação na vida dos estudantes. A existência da arte “disciplinada” e “curricularizada” opera um dever de forças que precisa ser conhecido por meio das participações dos sujeitos e das condições sociais e históricas nas quais estão mergulhados.

Para que efetivamente a arte esteja no Ensino Médio, há de se considerar, na escola brasileira atual, a ênfase dada à não dissociação entre trabalho e pesquisa, educação e prática social, que se propõe a preparar para a profissionalização dos estudantes, o que muitas vezes é considerada uma saída para os altos índices de abandono, evasão e insucesso escolar.

O debate da questão volta-se ao âmbito de lugar. Médio é como se apresenta e se compreende esse ensino: uma educação média, da escola de nível médio, do meio; algo entre. De um lado, há a fase do ensino que se referencia na base primeira e fundamental, aquela vista como a mais importante; do outro, o ensino que coroa a formação, a educação universitária, elevada e superior, a mais nobre. Portanto, o Ensino Médio aparece conceituado na representação simbólica do que é mediano, intermediário e regular, um mais ou menos, uma metade, um quase – não inteiro, incompleto ou indefinido –, consequência de misturas de dois opostos. Sabe-se que somente de dois meios se faz o inteiro. Meio, médio, *mezzo*, ameno, moderado: as graduações de cinza, as cores secundárias e complementares e a temperatura morna são representações desse sentido e lugar. O meio é o não puro; ele ambienta a mistura, é outro diferente que carrega criações de contribuições apriorísticas (que vieram) e abriga criações de possíveis distinções e desenvolvimentos modais (que virão).

O Ensino Médio é uma construção política, histórica e social que assume o caráter de lugar híbrido, de desdobramento e de comprometimento no contexto brasileiro. Ao relacionar a formação básica à formação profissional, mostra-se o resultado das mudanças na estrutura econômica e política do país, que fundiram as questões e os problemas do desenvolvimento e da educação. Com a educação profissional – ou seja, o ensino técnico –, procura-se a formação de mão de obra para suprir as necessidades do mercado. A tradição justifica o trânsito do ciclo “básico e geral”, que engloba fundamentos intelectuais, para o ciclo da preparação para o trabalho, na gênese do sentido de ser médio, que dá direito ao destacado ciclo superior, como os cursos de graduação e pós-graduação.

Como um segundo ciclo, o técnico, o ensino médio muitas vezes é festejado na história da educação brasileira, como especial, refletindo certa “utilidade” política e social. O adjetivo “técnico” é compreendido pela origem epistemológica da palavra latina, cuja terminologia traduzida da Antiguidade Grega refere-se a habilidade, destreza, domínio e conhecimento de ferramentas para a produção de objetos – *tekné*, que se dirige à produção; em oposição a *poietike* e *poiésis*, que se dirigem à criação, e *pratiké*, voltada à ação.

## 1.2 A ARTE NO RECONHECIMENTO E NA VALORIZAÇÃO DO SUJEITO-JOVEM NO ENSINO MÉDIO

Para quem a arte se dirige no Ensino Médio? O que se mostra inequivocamente necessário é dar grande atenção aos sujeitos do processo, ou seja, prezar e colocar no centro das questões pedagógicas o jovem estudante.

No cenário das culturas juvenis, suas formas e seus territórios expressivos, que engloba tecnologia da comunicação, cibercultura, indústria e produção cultural de massa – alimentadora da economia, que modela ações e preestabelece tipos, situações e comportamentos –, a figura do jovem destaca o tema do sujeito (da educação, do conhecimento) e o tema da sujeição (processo de tornar-se sujeito) na prática social (Foucault, 2002). Além da escola, esse jovem contemporâneo ocupa outros espaços e tempos socioculturais da cidade e vive seus conflitos no coletivo, não se limitando a experiências escolarizadas.

A concepção da complexa construção do conhecimento em arte no Ensino Médio propõe a compreensão do jovem em situação de

produção e de significação formativa e profissional, o que envolve a relação entre escola, estudante e arte em diferentes abordagens, mas sempre respaldada pelo entendimento das condições históricas e pela conquista de uma consciência histórica da situação presente (FOUCAULT apud DREYFUS, RABINOW, 1995, p. 232).

Convém problematizar com estas questões: Esse sujeito-jovem, que quer se formar e se profissionalizar, tem seus sonhos considerados? Esses sonhos viram projetos importantes para o jovem e para a sociedade? O jovem faz parte da produção de forças coletivas que também o produzem?

Paulo Freire (2000, p. 33) ensina que não estamos no mundo para simplesmente nos adaptarmos a ele, mas para transformá-lo, observando que essa transformação somente será possível mediante uma participação consciente na produção que envolve também a utopia, certo sonho ou projeto de mundo.

De modo geral, nos discursos que constituem a juventude na escola e, em especial, no Ensino Médio, o jovem aparece como um sujeito nivelado e homogeneizado entre a criança e o adulto. Paradoxalmente, ele é referenciado em sua peculiaridade como aquele que se distingue e se diferencia – seria um alienígena? (GREEN; BIGUM, 1998). Seu comportamento é percebido como o de alguém que escapa e ameaça, impõe-se, ocupa o meio como um centro de protagonismo, com arrojo e ousadia; trata-se de um lugar de convergências e de confluências, no qual as relações são percebidas e assumidas: os encontros, os choques, as misturas, os empates e os fluxos. É um lugar propício à criação artística. Efervescente, de ebulição e fluxos de energia. É o entre (a criança e o adulto) encarnado, formado, constituído, que representa equilíbrio na visão mais filosófica do real, mas que representa também o desequilíbrio no ponto de vista mais sociológico e contextual, do contraste, no qual, segundo Bourdieu (1983), juventude e velhice não seriam dados, mas construções sociais de contraposições, noções de fases separadas da vida adulta, com maturidade social, que resultam em segregação. Além disso, vinculam-se as condicionantes históricas e materiais (MARGULIS; URRESTI, 1996), pois principalmente os jovens mais pobres, das classes mais populares, que são a grande maioria no contexto brasileiro e mundial, carecem de tempo e dinheiro para gozar de um período prolongado de relativa despreocupação.

Jovens: Pode-se reconhecer a existência de jovens não juvenis, segundo Margulis e Urresti (1996).

De toda forma, se falta o “capital temporal” a esses jovens, tende a não faltar o “capital energético”, marcado pela energia do corpo e pela distância da morte (MARGULIS; URRESTI, 1996).

A existência juvenil se dá no lugar da novidade, da nova idade, do ápice, do vigor, da frescura, da rebeldia e da transformação; convergências e divergências que fazem jorrar ímpetos. É um ser de potência, potencial, força e paixões (*phatos*). Por isso, a relação de sentido fundamental entre Ensino Médio e o sujeito-jovem é a formação: a forma-ação ou a fôrma-ação, visando autonomia ou preestabelecimento.

A educação pode prezar e atuar sobre as características de liberdade, ação, coragem e dominação desse sujeito, bem como sobre as características de alienação, sujeição, subjugação e medo, cuidando de sua capacidade de ser, mediante outros, no mundo. Características que aparecem e frutificam em forma de criatividade ou violência, para manifestar ordem ou caos na relação estética-ética preenchida ou esvaziada.

Defende-se aqui que um processo de produção técnica no Ensino Médio, que vise a determinada formação para atender certa demanda, pode ser objetivamente baseado no princípio criativo e inventivo da experiência artística e estética, que gere autonomia e emancipação para protagonismo e autoria. É quando o sujeito, inscrito nesse processo, pode ser considerado plenamente, categoricamente, no potencial de ser inovador. Tais considerações envolvem a compreensão das relações intersubjetivas da arte que podem temperar e equilibrar o meio/lugar contemporâneo, transformado na ambientação de uma produção e de uma cultura próprias e apropriadas, voltadas para um exercício sobre si mesmo, por meio do qual se busca seu modo de ser e pelo qual se exerce a liberdade (FOUCAULT, 2004).

A escola mostra-se no dever e na competência contemporânea de prezar os direitos desse sujeito-jovem, isto é, de ele poder ter a arte decisivamente na vida e como formação profissional. Nesse sentido, a concepção de arte como elaboração de projetos pode relacionar interesses pessoais e coletivos no trabalho criativo. O fundamento e a indicação dessa proposta podem ser encontrados em Herbert Read: “o objetivo da educação é o encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence” (2001, p. 191).

A escola, como espaço social privilegiado da cultura formal e dominante, deve acolher, em vez de marginalizar, os diferentes espaços urbanos da cultura informal, que são muitas vezes taxados de subculturas, na visão de estilos juvenis ou tribos. Assim,

ela pode abrir-se para a expressividade juvenil e sua construção de identidade no coletivo, que passa fortemente por aceitação, compreensão e afirmação do corpo e da sexualidade, dos gostos e das escolhas, dos hábitos e das destrezas, incluindo *rock*, pós-punk, televisão, internet, telefones celulares, jogos eletrônicos, cultura das drogas (GREEN; BIGUM, 1998, p. 210), esmorecimento das delimitações entre sexos e gêneros (FEIXA, 1996) e comunhão com tecnologias digitais.

O fato é que a cultura juvenil, com toda sua potência na contemporaneidade, que preconiza um desenvolvimento global, é orientada para o consumo e para uma relação mercantilista com as coisas do mundo, englobando a sedução e a manipulação de elementos de forte apelo comunicativo, como o erotismo e a violência. Fica-se no meio de um “fogo cerrado” de produção e consumo. A escola é ainda orientada para as relações produtivas que reforçam as divisões de trabalho e as diferenças de classe e garantem os padrões de comportamento em uma muitas vezes rasa leitura da realidade social.

Em tal cultura, faz-se necessário que os estudantes, diante da arte como conhecimento mediado, possam mergulhar nas estruturas de linguagem e criação, ou se debruçar sobre elas, “podendo identificar com método e verdade cada um de seus elementos” (FOUCAULT, 2014, p. 217) articulados e compreendidos em seu conjunto, suas relações objetivas e subjetivas de eficiência e funcionalidade dentro da realidade social. Em suma, trata-se da defesa de que a arte no Ensino Médio relaciona seu alvo – isto é, seus sujeitos – à arte, à cultura visual e de consumo e à tecnologia por meio de um trabalho criativo. Desse modo, é possível tornar-se um ser humano melhorado, prezado na cultura, e também consumidor e produtor de bens culturais, mas como um sujeito construtor de conhecimentos.

### **1.3 A ARTE E A FORMAÇÃO TÉCNICA E PROFISSIONAL NA INTERFACE DO DESIGN NO ENSINO MÉDIO**

Na perspectiva do que apresentamos, o design aparece na sociedade de consumo como uma sugestão de pertinência da produção artística no Ensino Médio: “um campo de possibilidades imensas no mundo complexo em que vivemos [...] uma área voltada, historicamente, ao planejamento de interfaces e para a otimização de interstícios (fendas, espaços)” (CARDOSO, 2013, p. 234). O design mostra-se capaz de pôr ordem e sentido na produção técnica e perpassar as artes visuais, a dança, a música e o

teatro no princípio da estruturação e sistematização do estético-funcional. Isso porque possui grandes possibilidades de trabalho com estruturas comunicacionais em seu poder de atuar baseado nas artes visuais, desde o design gráfico e o de produto, passando pelo design de moda, de joias, de embalagens e de interiores, até o design de games e o infodesign – sem excluir as estruturas da música, da dança e do teatro, que podem estar entre suas realidades complexas e contemporâneas.

Vale, no Ensino Médio, a ampla defesa do design como projeto, desenho, estrutura da obra de arte ou objeto artístico que pode envolver complexas ações pedagógicas e culturais. Pode inter-relacionar questões da *tekné* e da *pratiké* da Antiguidade Grega que se dissociam tradicionalmente. Nesse âmbito, enfatiza-se que design é projeto – desígnio, intenção. Design é criação, desenvolvimento e implantação de um projeto: “significa ter e desenvolver um plano, um projeto, designar. No design, trabalha-se com a intenção, com o cenário futuro, executando a concepção e o planejamento daquilo que virá a existir” (MOURA, 2009, p. 118). A arte no Ensino Médio, assim concebida, inscreve-se e instala-se na prática de um idealismo na educação.

Ana Mae Barbosa, em consonância com Kerry Freedman, vem refletindo e defendendo no Brasil que “Design é Cultura Visual ou melhor, é parte integrante dos Estudos Visuais” (2014, p. 22), que solicita entendimento da gramática visual e da produção de cultura. A visualidade implica compreender os novos meios de desenvolvimento e tratamento da imagem, bem como sua criação, produção e organização comunicacional, envolvendo questões técnicas, objetivas, estéticas e artísticas.

A cultura contemporânea exige da escola a consideração e a visão ampliada das estruturas imagéticas comunicacionais e artísticas pelo caráter superobjetivo de sua produção, em que a técnica e a função são prezadas no que e como podem valorizar a arte no cotidiano e significar a tecnologia. Compreendendo que na cultura contemporânea vive e se aviva o sujeito-jovem, mostrando-se extremamente interessado e motivado, o design se apresenta como uma pertinente opção. Trata-se ainda de um campo dinâmico, em plena evolução, que sugere o ponto decisivo para a instalação da arte como construção de conhecimento nas linguagens operativas que, por sua vez, estruturam e criam objetos novos ou renovados para novos ou renovados modos de agir e de pensar: “campos de iluminação, se revelam em medida proporcional a seu grau de criatividade” (QUINTÁS, 1993, p. 140).

**Design é projeto:** É o que afirma Alexandre Wollner, um dos fundadores do design no Brasil. WOLLNER, A.; STOLARSKI, A. **Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil:** depoimentos sobre o design visual brasileiro. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

**Ana Mae Barbosa:** Grande nome da arte-educação no Brasil, autora de mais de quarenta livros sobre o assunto. Professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

**Kerry Freedman:** Professora de Arte e Educação da Northern Illinois University (Estados Unidos) que pesquisa a relação entre currículo, sociedade e cultura, envolvendo os estudantes na cultura visual e nas condições atuais da educação sob o impacto da tecnologia.

Considerando o “meio” no qual a empregabilidade se faz meta, o design mostra-se uma coerente mediação entre arte e trabalho, podendo relacionar objetividades com subjetividades em produções sobre ousadia, imaginação, percepção, fantasia, memória e criatividade. É possível realizar “a arte como um saber prático, capaz de equacionar e resolver problemas reais, não apartados de aspectos gerais e abstratos, de valores éticos e estéticos, associados a visões de mundo” (BRASIL, 2002, p. 13).

O conhecer é previsto como conquista autêntica e autônoma, mediante pesquisas, observações, análises, críticas e análises de processos, encaminhadas para a realização de produções artísticas individuais e/ou coletivas, reconhecidas e valorizadas como manifestações socioculturais e históricas. Acontece que, para a efetiva instalação da arte no Ensino Médio, é preciso que ela apareça como o melhor trabalho do ser humano (BARBOSA, 2008, p. 4).

Esse movimento implica em manobras: distanciar a arte do conceito consagrado de belo, do lazer e da diversão e investi-la de seu potencial de significação na contemporaneidade, na invenção pragmática da realidade no cotidiano, mediante integração e vinculação profundas entre sujeito, objeto e meio, entre o fazer, o ler e o contextualizar e entre as vivências e as experiências artísticas e estéticas. Na prática docente, no clamor de uma visão rearticuladora, é preciso que se constitua interdisciplinaridade, incluindo integração com os meios como modos de produção e significação do mundo e de si.

Read (2001): No final do século XIX, influenciado pelas teorias de Platão e Friedrich Schiller.

Read (2001) explica que as experiências artísticas e estéticas produzem preciosas conexões no cotidiano. Tais conexões encaminham o desenvolvimento da consciência de si, social e cidadã, de um sujeito capaz de afirmar-se em sua escritura e assinatura, para um mundo melhor e mais humanizado. Também para John Dewey (2010), o artístico e o estético realizam a vida, sendo atividades produtoras que unem o ideal com o possível e o real.

A trama harmônica de núcleos do Ensino Médio tem relação com a vida artística em um cotidiano estetizado para um – ou em um – trabalho de criação, transformador por fim. O decisivo, na escola, é a arte fazer/formar o sujeito-artista. Quando a arte entra na vida, em uma verdadeira incorporação, entra também na cultura, sendo sempre um modo de ação, implementação, trabalho.

## 1.4 PROPOSTA DE PROJETO DE DESIGN: A ARTE DAS RUAS NA ESCOLA

Como sugestão para a prática: Vamos fazer arte na cidade? Vamos recriar o espaço público? Vamos grafitar, fazer um mural na escola? Vamos projetar uma nova escola por seus muros ou paredes?

A iniciativa de pintar ou grafitar paredes ou muros na escola é recorrente. Porém, nem sempre parte de um projeto educacional de artes visuais. Para que tal iniciativa não seja mera atividade decorativa e possa, ao contrário, valorizar e prezar o espaço coletivo, como uma manifestação de arte contemporânea, há de se cuidar da instalação da experiência artística. Esse cuidar engloba o fazer, a apreciação e a história que se constrói com as pessoas do local de forma transformadora.

Objetivamente no Ensino Médio, essa iniciativa pode ser tomada como um projeto de design que envolve questões amplas e complexas dos campos de conhecimento e trabalho inter-relacionados, decisivamente interessando e motivando os estudantes. Pode, também, ser compreendida como interdisciplinaridade baseada em artes visuais e organizada sob estudos e práticas.

Visando, primordialmente, a instalação da arte, sugere-se que artistas visuais da comunidade sejam contatados e mobilizados pelos estudantes para contribuírem com a realização da obra. O projeto passa de janela para a comunidade e a arte contemporânea para o lugar onde acontecem. A manifestação artística e cultural da comunidade solicita ser objeto dos estudos e práticas, tendo seus códigos visuais identificados e relacionados às demais manifestações contemporâneas. Desse modo, um mapeamento da arte e dos artistas locais mostra-se fundamental.

A escola e a comunidade se reconhecem no precioso movimento de ensino e aprendizagem que acontece de dentro para fora e de fora para dentro, na iluminação e na valorização da manifestação e da produção artística e cultural do aqui e do agora. As visitas a obras de arte da cidade e exposições, que são saídas da escola, merecem ser incentivadas e conquistadas pela comunidade como um todo. Os estudantes do Ensino Médio podem não somente ser levados pela escola até a arte na cidade como também é possível organizar visitas com as famílias e a comunidade em geral. O importante é acessarem a arte nas obras e fazerem-se sujeitos, exercendo a emancipação e a autonomia na cultura para o protagonismo e a autoria da criação artística.

*Grosso modo*, o projeto mensura o tempo em prazos, as condições materiais em recursos, os processos em meios e técnicas e as possibilidades humanas em potenciais. O design pode estetizar o cotidiano a partir do Ensino Médio, sem que sua abordagem seja estudada e problematizada como manifestação ou conteúdo.

### **Sugestões de etapas do projeto de design**

**Consideração da equipe e dos recursos (o que temos para começar):** Quem e quantos somos? Quais são os objetivos do projeto? Que tempo e condições materiais possuímos para o seu desenvolvimento? De quanta verba dispomos? Qual nosso orçamento? E o cronograma? Temos apoio ou base(s)? O que podemos conquistar coletivamente?

**Levantamentos e estudos (pesquisa em arte):** Quais são as manifestações artísticas urbanas, em especial o grafite, o lambe-lambe e a arte mural ou muralista no bairro e na cidade? Como elas são? Quem são os artistas? O que é arte urbana e arte pública? Qual é a história dessas artes? Como as artes contemporâneas mudam o bairro, a cidade e as pessoas?

**Briefing (resumo e instruções):** Em qual local e suporte (parede/muro) a arte vai acontecer a partir da escola? Quais são as necessidades e exigências do projeto? Qual contexto, cidade, pessoas/usuárias/público-alvo a obra busca? Quais perfis, costumes, valores, comportamentos ela envolve? Como as pessoas do lugar podem dizer serem representadas na obra? Como pensar um mundo melhor? Como as artes visuais podem melhorar o mundo a partir da obra proposta?

**Levantamento métrico (medição):** Como é em detalhes o muro/parede onde a arte será realizada? Como os equipamentos – trena, caderno, prancheta ou computador, vídeo e/ou câmera fotográfica – podem ajudar? Como os artistas fazem para começar o projeto?

**Estudo preliminar (croquis):** Quais os desenhos, rabiscos, do projeto? Com quais materiais e elementos visuais ele é feito? Vamos pensar/desenhar com o(s) artista(s)?

**Anteprojeto (seleção do melhor estudo):** Qual(is) estudo(s) atende(m) as necessidades e expectativas do projeto? Quais modificações sofreram? O anteprojeto está aprovado? Já podemos “imprimir” a melhor ideia ou a colagem de ideias e conseguir um bom visual, uma boa apresentação, para o projeto?

**Projeto (acertos pontuais):** Quais são as cores, texturas, planos, formas, figuras, materiais? Com quais fotografias de boa resolução e/ou desenho em computador se pode obter uma imagem do projeto?

**Projeto executivo (detalhamento técnico):** Qual é o projeto de acompanhamento e execução da obra? Qual é o desenho técnico? Qual é detalhamento técnico da imagem? Há esquema ou esquadramento para a ampliação da imagem? Vamos pensar/fazer com o(s) artista(s)?

**Execução (mãos à obra):** Vamos realizar a obra coletiva com o(s) artista(s)? Vamos organizar o processo de trabalho? Como é tirar a obra do papel, seguindo as orientações do projeto?

**Inauguração (celebração e entrega da obra):** Como a obra pode ser apresentada à comunidade? Como a comunidade pode ser convidada a conhecer e apreciar a obra? Como a comunidade recebe e toma a obra? Como a arte se instala no lugar? Quais são as impressões? Que efeito a obra exerce sobre as pessoas da comunidade a partir da escola?

**Avaliação:** As artes visuais aconteceram a partir da escola? A obra superou as expectativas do projeto? Como a arte ficou além do projeto, apresentando o imprevisível, o imensurável, o indescritível? A obra tornou-se prática social da arte? Quais são as experiências que cada participante pode narrar, contar, relatar e imprimir com relação à organização pedagógica?

Segue registro de quatro artes visuais na cidade de São Paulo. Os artistas fazem da rua galeria e criam novas paisagens.



*Figura 1.1 – Arte muralista de Hanna Lucatelli, Coragem – Minhocão de São Paulo, 2019.*



**Figura 1.2** – Mag Magrela em ação.  
Centro de São Paulo (em frente ao Edifício Copan), setembro de 2018.



*Figura 1.3 – Arte muralista de Hannaa Lucatelli e colagem de Gabriel Ribeiro  
Vila Ipojuca, São Paulo, julho de 2017.*



**Figura 1.4** – Apolo Torres. Arte muralista. Nina. Rua Amaral Gurgel, travessa da Rua Consolação. São Paulo, 2016.

## PARA FINALIZAR

Como parte do Ensino Médio, a arte quer estar presente como um direito e instalar-se como experiência significativa e transformadora, mostrando-se elemento central e essencial na escola para a vida dos estudantes, inter-relacionada com o mundo do trabalho. A arte zela pela sua permanência dignificada, ampliada, compreendida e valorizada na formação de um sujeito-artista, autor, autônomo, protagonista, transformador, ético e estético, cidadão planetário integrado e integral. Indica-se, então, o caminho do design, dos projetos, a médio e longo prazos, interdisciplinares e coletivos; trata-se de um caminho defendido pela escola, sonhado em conjunto e realizado como prática social da arte.

## SUGESTÕES DE LEITURA

BARBOSA, Ana Mae. **Arte e educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

MUNARI, Bruno. **Fantasia**. Lisboa: Edições 70, 2007.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **A imagem no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

\_\_\_\_\_. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Arte na educação: interterritorialidade, refazendo interdisciplinaridade. **Design, arte e tecnologia**, São Paulo, n. 4, 2008. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/9132943-Arte-na-educacao-interterritorialidade-refazendo-interdisciplinaridade.html>>. Acesso em: 18 out. 2018.

BARBOSA, Ana Mae. A cultura visual antes da cultura visual. **Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9288/6778>>. Acesso em: 11 set. 2018.

\_\_\_\_\_. O ensino da arte e do design quando se chamava desenho: reforma Fernando de Azevedo. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 19-52, jul./out. 2013. Disponível em: <[www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2014/06/1.pdf](http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2014/06/1.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2018.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Bases Legais**. Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+): Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2002.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FEIXA, Carles. Antropología de las edades. In: PRAT, Joan; MARTÍNEZ, Ángel. (Org.). **Ensayos de antropología cultural: homenaje a Claudio Esteva-Fabregat**. Barcelona: Ariel, 1996. p. 15-25.

FOUCAULT, Michel. Inutile de se soulever? In: \_\_\_\_\_. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994, v. III. p. 790-794.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. Política e ética: uma entrevista. In: \_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 218-224.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 208-248.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. de Fausto Castilho. Campinas: Unicamp/Vozes, 2012.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario. (Org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MOURA, Mônica (Org.). **Faces do design**. São Paulo: Rosari, 2009.

QUINTÁS, Alfonso López. **Estética**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1993. (Coleção Introduções e conceitos).

PIMENTA, Selma Garrido; GONÇALVES, Carlos Luiz. **Revendo o ensino de 2º Grau; propondo a formação de professores**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Magistério 2º Grau).

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

WOLLNER, Alexandre; STOLARSKI, André. **Alexandre Wollner e a formação do design moderno no Brasil: depoimentos sobre o design visual brasileiro**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.



**COM FOCO NO ENSINO MÉDIO, ESTA COLEÇÃO TRAZ UM MATERIAL PRODUZIDO A PARTIR DE PESQUISAS E REFLEXÕES DE PROFESSORES E PESQUISADORES DE DIVERSAS INSTITUIÇÕES DO BRASIL, QUE SE DESTACARAM NOS ÚLTIMOS ANOS POR SUAS CONTRIBUIÇÕES NO AVANÇO DA EDUCAÇÃO.**

Este livro busca compartilhar diferentes experiências vivenciadas por arte-educadores baseadas em distintas abordagens que se articulam por meio de uma pergunta comum: qual é o lugar de uma educação em arte na contemporaneidade? Os textos presentes integram um conjunto de saberes que defendem uma educação em arte que tome como base a premissa de uma formação humana que acredita no direito de aprender com qualidade e respeito e que valoriza a criação e a construção individual e coletiva de um conhecimento sensível, estético e ético.

## LIVROS DA COLEÇÃO

*A reflexão e a prática no Ensino Médio*

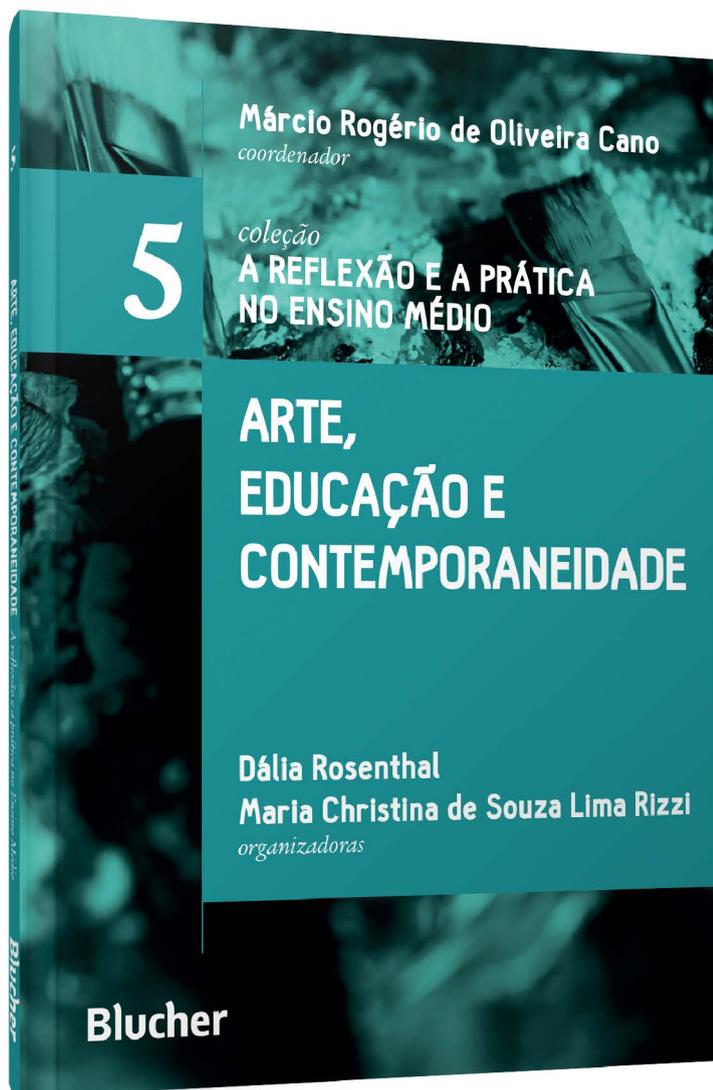
- 1** LÍNGUA PORTUGUESA
- 2** LÍNGUA INGLESA
- 3** LITERATURA
- 4** EDUCAÇÃO FÍSICA
- 5** ARTE
- 6** MATEMÁTICA
- 7** QUÍMICA

- 8** FÍSICA
- 9** BIOLOGIA
- 10** HISTÓRIA
- 11** GEOGRAFIA
- 12** SOCIOLOGIA
- 13** FILOSOFIA

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)



**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Arte, Educação e Contemporaneidade

---

**Dália Rosenthal (Org), Maria Christina de Souza Lima Rizzi (Org)**

ISBN: 9788521218883

Páginas: 152

Formato: 17 x 24 cm

Ano de Publicação: 2020

Peso: 0.257 kg

---